

MEMÓRIAS DE UMA FAMÍLIA JUDIA, NA AMAZÔNIA, EM CRÔNICAS DE ELIAS SALGADO *MEMORIES OF A JEWISH FAMILY, IN THE AMAZON, IN ELIAS SALGADO'S CHRONICLES*

Aldilene Lopes de MORAIS ¹  

RESUMO: Este trabalho volta-se para o estudo das memórias de família presentes nos livros de crônicas de Elias Salgado, escritor de origem sefardita. Em *O fim do mundo e outras histórias de beira-rio* (2015), Elias conta a história da sua família, de origem judaica sefardita, residente no interior do Amazonas. Para tal, será necessário entender como se constitui os estudos referentes à memória, cultura e identidade. Sabe-se que a memória tem uma extrema relevância na vivência do ser humano, de maneira que pode ser um elo entre um grupo de pessoas, comunidades e, até mesmo, podendo fazer parte da construção identitária de um determinado povo, como salienta Le Goff (2005, p. 469-470) e Paul Ricouer (2007). Nesta mesma linha de pensamento, Maurice Halbwachs (1990) salienta que as memórias que construímos são pautadas não somente no que se estabelece individualmente, pois é na coletividade que elas são forjadas e repassadas de geração para geração. Vale salientar que estudar a identidade também será um dos focos dessa pesquisa, tendo em vista que ela está imbricada com a memória. Stuart Hall (2006, p. 17), acredita que a identidade é um processo de construção. Hommi Bhabha (1998, p. 19) pontua que a cultura e identidade forjam-se em um processo que não é fixo, pois está em transição, processo que ele denomina de “além, que não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado”. Assim, a presença judaica na Amazônia é percebida nos escritos memorialísticos de Elias Salgado, por isso, esta pesquisa pretende identificar e estudar os ecos culturais e históricos que aludem a uma identidade judaica na Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Judeus. Amazônia. Memória. Elias Salgado.

ABSTRACT: *This work turns to the study of family memories present in the chronicle books by Elias Salgado, a writer of Sephardic origin. In *O fim do mundo e outras histórias de beira-rio* (2015), Elias tells the story of his family of Sephardic Jewish origin, residing in the interior of the Amazon. For that end, it will be necessary to understand how studies concerning to memory, culture and identity are constituted. It is known that memory has an extreme relevance in the experience of the human being, so that it can be a link between a group of people, communities, and even being part of the identity construction of a certain people, as Le Goff (2005, p. 469-470) and Paul Ricouer (2007) points out. In this same line of thought, Maurice Halbwachs (1990) points out that the memories we build are guided not only by what is established individually, since it is in the community that they are forged and passed on from generation to generation. It is worth mentioning that studying identity will also be one of the focuses of this research, considering that it is imbricated with memory. Stuart Hall (2006, p. 17) believes that identity is a process of construction. Hommi Bhabha (1998, p. 19) stress that culture and identity are forged in a process that is not fixed, since it is in transition, a process that he calls "beyond, which is neither a new horizon nor an abandonment of the past". Therefore, the Jewish presence in the Amazon is perceived in Elias Salgado's memorialistic writings, so this research intends to identify and study the cultural and historical echoes that allude to a Jewish identity in the Amazon.*

KEYWORDS: *Jews. Amazon. Memory. Elias Salgado.*

¹ Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia - PPGLSA – UFPA. E-mail: aldmora1@gmail.com

Introdução

Sabe-se que a memória tem uma extrema relevância na vivência do ser humano, de maneira que pode ser um elo entre um grupo de pessoas, comunidades e, até mesmo, podendo fazer parte da construção identitária de um determinado povo, como salienta Le Goff (2005, p. 469-470). Nesta perspectiva, a memória configura-se em um mecanismo indispensável de representação da experiência humana.

Nesta mesma linha de pensamento, Maurice Halbwachs (1990) evidencia que as memórias que construímos são pautadas não somente no que se estabelece individualmente, pois é na coletividade que as elas são forjadas e repassadas de geração para geração. É válido ressaltar que, para o estudioso, a memória individual é sempre muito complexa de ser representada, pois ela está constantemente em consonância com determinado grupo.

Halbwachs (1990, p. 30-31), assevera que por mais que alguém passe por uma experiência, na qual possa ser considerada como individual, a exemplo de uma viagem, as memórias construídas neste percurso deram-se com a evocação de diversos sujeitos, como um amigo que indicou um ponto turístico, um historiador que narrou algum episódio ocorrido na cidade visitada, entre outros. Nossas memórias nunca estão sós, pois estão em um processo de construção feito em conjunto com o outro. Ainda sobre memória e sua importância para o registro de ações de um dado grupo, Jacques Le Goff enfatiza que “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471).

Levando essas informações em consideração, é importante frisar que a representação memorialística e o ato de recordar podem ser feitas por meio de narrativas, cuja composição pode apresentar configurações diversas, como na oralidade, nos textos escritos, em produções cinematográficas, com as imagens, em suma, são várias as formas de materialização e representação da memória. Ao vermos uma foto de nossa infância, por exemplo, é despertada uma infinidade de emoções que foram desencadeadas pelo mecanismo da imagem, levando-nos a recordar de momentos que antes estavam adormecidos.

Em síntese, a memória faz parte da vivência humana, estamos o tempo todo registrando nossas experiências pessoais ou coletivas, seja em uma biografia, um testemunho, por meio de uma obra literária ou em forma de arquivos históricos ou em uma crônica.

Com base nessas informações, o presente texto tem como escopo fazer uma leitura de

algumas crônicas de Elias Salgado observando como ele retrata as memórias de sua família no interior de uma região do Amazonas.

Os rastros da memória de uma família judaica

As memórias estão o tempo todo fazendo-nos lembrar que um dia já estivemos em um determinado lugar ou já participamos de determinadas experiências.

O tema judaico já despertou inúmeras discussões. Há aqueles que buscam uma definição para o que é ser judeu, assim como para a caracterização da escrita judaica. Sobre essas temáticas, entre outras, Regina Igel (1997), traz alguns apontamentos, pois é desde que muitos judeus migraram para terras amazônicas, muito se tem discutido sobre a cultura, a identidade e a religião judaica. Assim, ao tentar elucidar esses questionamentos a autora apresenta as seguintes categorias:

Judeus é aquele que aceita a fé judaica. Esta definição é religiosa.

Judeu é aquele que, sem uma filiação formal religiosa, encara os ensinamentos do judaísmo – sua ética, seu folclore e sua literatura – como pertencente a ele mesmo. Esta definição é cultural.

Judeu é aquele que se considera judeu ou assim é visto por sua comunidade. Está definição é “prática” (KERTZER, 1978 apud IGEL, 1997, p. 2).

Igel adota a definição cultural do sentido de ser judeu, para tanto, defende a ideia de que pode ser classificado judeu todo aquele que se considera judeu, seja de nascimento ou conversão. A pesquisadora acrescenta que essa definição, assim como qualquer outra irá apresentar controvérsias em algum momento, no entanto, essa será a melhor abordagem ao relacionar com a análise literária (IGEL, 1997, p. 2).

No que concerne à literatura judaica e sobre o que a caracterizaria, Igel pontua que é considerado judeu ou judia aquele que assim se intitular em sua escrita, podendo ser judeu de nascimento, tendo pais judeus, ou por denominar-se sendo pertencente da fé e da cultura judaica, ou ter se convertido ao judaísmo. Em suas ponderações, a estudiosa aceita como escrita judaica,

se pelo menos, dois aspectos de judeicidade forem satisfeitos: a identificação do escritor como judeu, dentro de quaisquer dos parâmetros acima delineados, e uma dinâmica judaica textualmente explícita ou relevante junto a outros aspectos de sua personalidade e caracterização literários (IGEL, 1997, p. 04).

É legitimado o tema judaico quando a temática principal de uma determinada obra contém o judaísmo, em que pode ser expressamente identificado no decorrer da produção seja na concepção “física, mental, espiritual”, e até, “psicológica”. As manifestações literárias podem ser as mais

diversas, apresentando-se na forma poética, na ficção, na literatura dramática, temas semifictionais e “depoimentos”, assim como, nas crônicas, expressão literária que nos deteremos nesta análise. (IGEL, 1997, p. 04).

Segundo Regina Igel, os escritores judeus, muitas vezes, se valeram de crônicas para contar as suas histórias passadas na ambiência rural. Ela selecionou ainda outros dois gêneros muito utilizados por escritores judeus:

as obras também estão agrupadas segundo o gênero a que pertencem: Crônicas, depoimentos e ficção. As obras examinadas, quase as únicas existentes até o momento, são representativas das escritas semificcional (crônicas), não - ficcional (depoimentos) e ficcional (romances e contos) (1997, p. 40).

De acordo com a escritora, o gênero diferencia-se do ficcional, por apresentar uma carga de subjetividade e pessoalidade ao retratar fatos do cotidiano. Estando associada a uma história que está ligada ao tempo passado. Muitos estudiosos e críticos literários apresentam definições sobre a crônica. Para Massoud Moisés (2003, p. 101):

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em seqüência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfinso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo ‘crônica’ cedeu vez a ‘história’, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo.

Ao longo do tempo, o gênero foi sendo conceituado por diversos autores e tomando acepções novas, no entanto, uma característica que sempre está presente é a marcação temporal do passado, trazendo marcas da memória de um determinado tempo e espaço.

Elias Salgado e suas “histórias de beira rio”

Elias Salgado, nasceu em Rio Branco, no Acre, em 1958, mas mudou-se para o Amazonas quando era ainda criança. O historiador e cronista mora no Rio de Janeiro atualmente. É autor de *História e Memória: Judeus e industrialização no Amazonas*. Seus livros de crônicas são: *O fim do mundo e outras histórias de beira-rio* (2015), *Vou ali e volto já* (2018) e *Memória indiciada* (2020).

Alessandra F. Conde da Silva (2019), ao falar sobre o escritor Elias Salgado enfatiza que:

Elias Salgado apresenta um estilo interessante de contar histórias. É, antes de tudo um historiador, que sabe da importância e das atribuições dos judeus de origem marroquino sefardita para a formação social, cultural e econômica da Amazônia. Em suas crônicas, este “saber” lá está (2019, p. 78).

Em seu livro de crônicas *O fim do mundo e outras histórias de beira-rio* (2015), pode-se encontrar três categorias de crônicas: “as memórias literárias do escritor, as memórias familiares e as memórias da vizinhança”. (SILVA, 2019, p. 82). É sobre a memória de sua família que essa pesquisa irá deter-se. Ao trazer alguma dessas lembranças o escritor vale-se de algumas informações que foram dadas por sua mãe Vidinha. (SALGADO, 2015, p. 70).

Os relatos memorialísticos são ao cronista Elias Salgado, um atrativo para suas investigações, ele declara que “o passado sempre exerceu sobre mim um verdadeiro, às vezes, inexplicável fascínio, haja vista minha opção pela pesquisa da história e da memória” (SALGADO, 2015, p. 73).

Ao falar sobre memória e sua relevância para a vivência humana, o escritor destaca:

Nada mais somos do que pura memória. Até os desmemoriados têm memória. Acreditem, eles não a perderam, já que ela sobrevive às lembranças, mesmo aquelas que, para os outros, parecem apagadas. Nossa memória não está só em nós, ela existe independente de nós. Se elas parecem esquecidas, haverá alguém, perto ou longe, que sempre as preservará (SALGADO, 2020).

Salgado traz diversas narrativas, em muitas delas podemos ver como o menino Elias busca ressignificar a memória de seu falecido pai, para tanto, objetos, sempre são um gatilho para que ele rememore acontecimentos que foram singulares para sua infância. Na crônica *A mala do meu pai* o cronista mostra que havia um abismo muito grande entre ele e seu pai, uma espécie de mistério e segredos que seu pai escondia, que o deixava distante, algo que lhe causava tristeza. Com a morte do pai, ele busca quebrar com esses paradigmas que o acompanharam por tanto tempo. A mala do pai foi o objeto que lhe deu a oportunidade de conhecer alguns dos segredos do patriarca da família Elmaleh.

No falecimento David Elmaleh, - traduzido, Elmaleh significa Salgado – seu saudoso pai, os sete filhos tiveram a oportunidade de reunirem-se para despedida, neste momento de luto, todos tiveram contato com a mala de David, artefato que por muito tempo foi guardião de segredos. Para Elias, essa mala significava uma ponte que o separava de seu pai, algo que lhe trazia tristeza.

O narrador conta que todos os filhos já tinham em mente qual utensílio pertencente ao seu pai queria guardar para si, pois seria uma forma de eternizar a memória do comandante daquela

família.

Foi nessa oportunidade, quando me parecia que não tinha volta, que o que havia se quebrado jamais poderia ter conserto, que aparentemente o improvável se deu. A memória de meu pai se fez, entre nós, mais viva do que nunca. Como que num encantamento mágico- real, nos reaproximou a todos outra vez (SALGADO, 2015, p. 16).

O momento, a princípio, parecia ser apenas de luto, mas foi configurado como um ato de redenção para todos, fazendo com que eles pudessem se reaproximar, pois estavam extremamente distantes, não só fisicamente, mas haviam perdido alguns laços fraternos. Jamila, uma das filhas, declarou que gostaria de ficar com mala de couro, pois era algo que ela tinha muita saudade.

Esta mala me acompanha todos estes anos, por muitas noites sonhei com ela, dela tinha saudade imensa, ela sempre foi pra mim a personificação de meu pai. Eu era bem pequenina, mas me lembro, com riqueza de detalhes; parece que estou vendo agora papai diante de mim, no nosso sobrado em Boca do Acre. Vestido impecavelmente em seu terno de linho puto irlandês, combinando as cores, do chapéu até as meias e o sapato, parecia um ator de cinema americano. Era assim que ele se vestia diariamente para trabalhar. Na mão a mala de mercadoria – joias, que na minha imaginação davam para comprar toda a Boca do Acre (SALGADO, 2015, p. 17-18).

Esse ato da Jamila fez com que todos se recordassem de seu pai e da tal canastra, que era sua companheira inseparável. Nesta perspectiva, pode-se inferir o que Halbwachs fala sobre a memória nunca ser apenas individual, mas coletiva. A memória de uma das filhas, trouxe à tona o que estava adormecido para os demais filhos, fazendo com todos pudessem ver que de fato aquele objeto, era o mais representativo quando se falava do pai, restabelecendo a conexão entre os irmãos.

Na crônica O menino Jesus perdido em Boca do Acre conhecemos uma história muito inusitada do primogênito de dona Vidinha e David Elmaleh Salgado. O enredo passa-se em uma vila, localizada na “fronteira do Amazonas com o Acre”, local onde muitos judeus resolveram refugiar-se, tendo como intuito angariar meios de sobrevivência, David Elmaleh juntamente com sua família foi um deles.

O primeiro filho do casal tinha a aparência de um anjo barroco, denominação dada por muitos moradores da região. O menino tinha uma “pele clarinha, olhos verdes e cabelos louros cacheados”. Ao ouvir que seu filho era alcunhado como um anjo, Vidinha enchia-se de preocupações, pois o pai, “judeu tradicional”, não iria gostar de saber que seu filho estava sendo comparado a um símbolo cristão” (SALGADO, 2005, p. 32).

Em certa ocasião Vidinha e David Elmaleh saíram para uma viagem e deixaram o menino com aparência de anjo com conhecidos próximos. Quando voltaram, souberam que o menino tinha

assumido o papel de Jesus, a reação do pai foi a já esperada:

As crônicas de vidinha registram que eu realmente fiz o papel para o qual fui convidado e que a ira de meu amado pai (z*1 – que esteja em paz), quando ficou sabendo do ocorrido, subiu às alturas e desceu inúmeras vezes e que ele bradava inutilmente quase em prantos:

- Meu Ribí Shimon Bar Iochai, por que logo meu filho? (SALGADO, 2005, p. 33)

Após passado o acesso de fúria, o pai afirmava que os vizinhos tinham raiva da família Salgado e por um ato de vingança fizeram do menino judeu, o Jesus daquele Natal. Os anos se passaram e a lembrança do Natal de 1959 tornaram-se motivos de risos.

Em *Num tempo de diferenças amenas ou a paz esteja convosco* o cronista narra as desavenças estabelecidas entre seu velho pai, David Salgado, e uma senhora chamada Lili, ambos viviam em uma relação conflituosa. Dona Lili era uma senhora que tinha sua fé católica, e por conta disso, toda vez que ia à igreja, passava em frente do estabelecimento de David, e ambos não poupavam ofensas mútuas.

Passa daí! Sua velha rabugenta e espertalhona, o que você está fazendo na parta da minha loja? Já está de novo tentando roubar minha clientela? – Era papau afugentando, como fazia quase todos os dias, a D. Lili, matriarca da família Afif. Mas a destemida beata não arredava o pé:

- Você pensa que me assusta, hebreu herege? Jesus Cristo está vendo (SALGADO, 2015, p. 75).

Era recorrente esse embate entre o judeu David e a beata Lili. A mulher conclamava a todos da região a não comprarem no *Bazar das novidades*, mas se direcionarem para outra rua e visitarem o loja Empório beirituense, a qual fazia parte da sua família. Quando estava em dias de extrema irritação, a senhora era alcunhada de Lilit, a mulher do demônio, por desconhecer a referência mitológica, a senhora apenas reclamava para que o judeu não pronunciasse errado seu nome.

Essas memórias que são retratadas nesta crônica, mostra como a família Salgado passou por diversas agruras ao chegar em solo amazônico.

Sétimo filho de uma família pobre e numerosa de nove irmãos, viu seu pai falecer antes mesmo de completar seu bar mitzvá (cerimônia de maioridade, aos 13 anos dos meninos) para o qual foi preparado por sua mãe, vovó Sime, algo inusitado para aquela época, quando o ensino da Torá era exclusividade de homens. (...) Papai talvez visse em D. Lili, quando esta o tirava do sério, a figura de Lilit que teria levado seu terceiro filho e a mãe do menino, sua doce Caceri. (SALGADO, 2015, p. 76)

E assim, a rotina em frente ao Bazar das Novidades continuava, e D. Lili, apesar da semelhança do nome com Lilit, demônio da mitologia, em nada ameaçava os negócios do velho

judeu.

As memórias desta família de judeus, que viveram em solo amazônico, a qual conhecemos por meio das crônicas de Elias Salgado, mostra-nos que muitas destas narrativas fazem parte da história de muitos judeus, que desbravaram várias regiões em busca de melhores condições de vida e que tem seus ecos até a contemporaneidade, em que podemos conhecer por meio dessas crônicas.

Considerações finais

Nas memórias de Salgado, a história de sua família no interior do Amazonas, em Boca do Acre, vai sendo contada. Muitas vezes, as cenas jocosas revelam o dia-a-dia de uma família judia na Amazônia. Entre situações de antissemitismo e de boa vizinhança, as relações entre judeus e não judeus ia se estabelecendo. Certa vez, o menino Elias Salgado, na ausência do pai, foi feito menino Jesus, em uma representação cristã, conforme se vê na crônica “Num tempo de diferenças amenas ou a paz esteja convosco”. Além disso, nas memórias evocadas percebe-se a reconstrução dos laços familiares.

Referências

CONDE-SILVA, Alessandra F. **Memórias de um escritor de origem sefardita: Elias Salgado e O fim do mundo e outras histórias de beira-rio**. In: *Ecos Sefarditas: Judeus na Amazônia*. Org: CONDE-SILVA, Alessandra F. BENCHIMOL- BARROS, Silvia Helena. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2020, v. 01, p. 141-156.

HALBWACHS, Maurice. “**Memória individual e memória coletiva**”. In: *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

IGEL, Regina. **Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LE GOFF, Jacques. “**Memória**”. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.

SALGADO, Elias. **O fim do mundo e outras histórias de beira-rio**. Rio de Janeiro: Talú Cultural, 2015.

SALGADO, Elias. **Memória indiciada**. Rio de Janeiro: Talú Cultural, 2020.

Como citar este artigo:

MORAIS, Aldilene L. Memórias de uma família judia, na Amazônia, em crônicas de Elias Salgado. **Revista Narrares – V.1, N.1, Jan-Jun, 2023, pp. 49-57.**